

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 29

Nº 182

JANEIRO-FEVEREIRO 2012

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	7
1500-592 Lisboa	Acções de Graça ...	11
Telefone : 217 647 441	Caridade (soneto)	14
*	Valores Ignorados	15
Director Responsável :	Bons e maus pensamentos	18
Manuela Vasconcelos	A importância de saber ...	19
*	Mulher tem braço fantasma	23
Tiragem : 150 exemplares	? (2 sonetos)	26
	Páginas do Passado	28
Distribuição Gratuita	Oração (soneto)	32
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

EDITORIAL

Não poderíamos começar este Editorial sem referirmos, antes do mais, a comemoração de mais um aniversário da COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA : 28 como personalidade jurídica e 25 como Centro Espírita. E se, por outro lado, nós, adultos – e não só – estamos sempre prontos a datar e comemorar as coisas mais insignificantes que vão acontecendo ao longo de cada vivência, porque não, então, vivenciarmos alegremente aquilo que mais nos aproxima de Deus: o Amor ao Senhor, manifesto na Casa que lhe dedicámos, o amor ao próximo na maneira como podemos ajudar, ou pelo menos como tentamos fazê-lo, a todos aqueles que nos procurem em desequilíbrio, necessitados de um conselho, de uma orientação ou, apenas e muitas vezes, de uma palavra amiga e fraterna?

É sem qualquer espécie de pretensão que escrevemos as nossas palavras, porque elas são sinceras e, por norma, todos aqueles que dedicam parte ou grande parte do seu tempo a uma Casa Espírita, sentem-no da mesma maneira. É um voluntariado menos acintoso, talvez, que aquele outro que se pratica nos Hospitais mas, ainda assim, **é voluntariado**. É a dedicação de cada um, trocando as suas horas de lazer por aquelas outras em que se dedica e assiste a um necessitado – e, embora costumemos afirmar que necessitados somos todos nós, há realmente, e infelizmente, aqueles que o são em função da sua despreocupação de procurarem Deus, de seguirem a moral Cristica, de viverem o seu dia a dia sem pensarem nem construírem nada para o AMANHÃ do outro lado da Vida, e que poderá chegar a qualquer instante, pois ninguém sabe o tempo existencial no corpo físico que lhe falta viver ainda.

Esta foi a opção que nós, e muitos outros que pensam como nós e colaboram nas Casas Espíritas, fizemos.

Então, comemorarmos o aniversário da nossa Casa tem sempre um sabor especial, não só em função da convivência maior que se faz entre uns e outros, como na que nos ofertamos quando convidamos alguém, de outra Casa, a partilhar connosco desses mesmos momentos.

Este ano não foi diferente e nós, colaboradores da COMUNHÃO, quisemos oferecer, aos Amigos que comparecessem, a mensagem doutrinária que sempre procuramos transmitir e que, mais uma vez, foi afirmada num pequeno espectáculo de teatro, que durou pouco mais de uma hora, com a peça – ora reposta – “A Cruz”, estreada no nosso 10º aniversário. Ela mostra-nos os erros a que nos podem conduzir o orgulho, a vaidade, a falta de caridade - e de reencarnação em reencarnação, vai-nos alertando para as causas que originaram o sofrimento presente. Conforme as palavras da figura principal, “... é preciso sofrermos tudo o que fizemos sofrer; bebermos até à última gota a taça de fel que obrigámos os outros a ingerir... pagarmos tudo, até ao último ceutil... para sermos deuses, temos que nos erguer da lama!”

Com o guarda-roupa adequado a cada personagem na sua época, passámos o tempo numa doutrinação diferente, em suma, mas felizes por o estarmos partilhando com todos, naqueles momentos.

A Casa cheia e as muitas manifestações de alegria não puderam contar, entretanto, para todos os presentes, como foram felizes os dias dedicados aos ensaios, com a boa disposição, risos e brincadeiras acontecidas, embora quase todos os figurantes sejam, ainda, lá fora, trabalhadores no activo e, durante aquele tempo

tenham abdicado de sábados, domingos, feriados e serões, para melhor se apresentarem naquele dia.

Houve, ainda, e como sempre também, a distribuição de uma lembrança sorteada entre os presentes : desta vez, um DVD musical.

E com a notícia de termos conseguido a publicação da 2ª edição da obra FERNANDO DE LACERDA – O MÉDIUM PORTUGUÊS, demos por terminada esta comemoração na qual, como em todas as outras, sempre nos sentimos felizes. Para o ano, se Deus quiser, haverá outra!.



Arrastam-se desde o final do ano findo as eleições dos novos Corpos Sociais da Federação Espírita Portuguesa, para o biénio 2009-2010.

Durante a Assembleia Geral para o efeito, a sua Presidente leu a carta de uma Associação, chamando a atenção para o facto de, aquela que era representada pelo então Presidente da Direcção, nem sequer se identificar como Espírita, como qualquer um o poderia verificar consultando a Internet – tal como nós já o havíamos feito. Alertada atempadamente para este facto, a Presidente da A.G. entendeu por bem estudar pormenorizadamente os Estatutos e Regulamento Interno e da A.G. da F.E.P., tendo concluído pela existência de outras irregularidades, pois estavam a ser representadas para as diversas A.G. e mandatos, Associações cujos representantes indicados nem sequer constavam das Associações, fosse nos Corpos Sociais respectivos, fosse

frequentando as reuniões das Instituições, ou ainda como sócios das mesmas.

Postos, à Assembleia reunida, os factos apontados e por proposta de um dos presentes, aprovada por maioria, foi votada a doação de um tempo para que tudo fosse regularizado, procedendo-se, então, a novas eleições. Sucede, entretanto, que estando já a entrar-se no segundo semestre de 2009, tudo continua como estava, sem eleições, enquanto se vão criando lugares aqui e ali, em algumas Instituições, para que as representatividades continuem, ainda que de uma maneira mais legal.

Isto, honestamente, não nos parece espírita nem foram estes os ensinamentos que aprendemos no legado Kardequiano (ou Kardecista). Senão, vejamos:

Este movimento parece dar-nos a entender que o então Presidente da Direcção, que já fez 3 mandatos, se prepara ainda para se candidatar a uma quarta eleição. Considerando que os lugares dos Corpos Sociais não são vitalícios e que, da manifestação da última A.G., ficou entendido que os sócios da FEP queriam uma mudança nos seus quadros, dado que foi apresentada uma outra Lista, excluída pela Direcção numa atitude nada espírita, com a justificação de que uma das Associações constantes da mesma tinha alguns meses de quotas atrasadas, teria sido mais racional e fraternal um telefonema a dizer-se que procedesse ao pagamento das mesmas que excluir-se toda uma Lista... o que prova que o então Presidente quer, ainda, o lugar. Porquê? Para além disto, notou-se, igualmente, a nomeação de outros nomes, seus familiares, para outros cargos... numa terceira Lista, proposta por Coimbra e por ele apoiada, já que da mesma constava, também, o seu nome... Numa A.G. já acontecida este ano, aquele senhor apareceu acompanhado de um advogado e com

ameaças de Tribunal para aqueles que o tinham difamado – o que ninguém tinha feito na A.G. do ano findo. Ele é que publicou, no jornal que dirige, inverdades sobre o acontecido então.

Ora, não sabemos ainda, e portanto, quando acontecerá a próxima A.G. para eleição dos novos Corpos Sociais da Federação Espírita Portuguesa mas parece-nos, na nossa maneira de ver e entender, que o último Presidente de Direcção da F.E.P., e que continua a nomear-se como tal, não deve ser eleito para novo mandato: quem age como ele tem agido não é espírita nem está a proceder como tal. Será que, todos aqueles que pensam como nós terão a coragem de agirem como deve ser, ou vamos continuar a deixar o barco navegar... enquanto se continua a dizer, à boca pequena, que as coisas vão mal?

Temos que lutar pelo Movimento Espírita Português e não deixarmos que ele se afunde, como já aconteceu uma vez, por ser maior o comodismo que a preocupação de por ele se pugnar.

A DIRECÇÃO



Por maior que seja a carga de provações e problemas que te pesam nos ombros, ergue a frente e caminha para a frente, trabalhando e servindo, amando e auxiliando, porque ninguém, nem circunstância alguma te podem furtrar a imortalidade nem te afastar da omnipresença de Deus. –
- EMMANUEL , médium Francisco C. Xavier.

PALAVRAS DE KARDEC

ESTUDO DA NATUREZA DE CRISTO

III– A Divindade de Cristo é provada pelas suas próprias palavras?

(continuação do capítulo III)

“Passará o céu e a Terra, mas não passarão as minhas palavras. A respeito, porém, deste dia ou desta hora, ninguém sabe quando há-de ser, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas só o Pai.” (Marcos, XIII, 31 e 32. Mateus, XXV: 35 e 36).

“Disse-lhes, pois, Jesus: quando vós tiverdes levantado o Filho do Homem, conhecereis quem eu sou, e nada faço de mim mesmo, mas que como o Pai me ensinou, assim falo; e o que me enviou está comigo e não me deixou só, porque eu sempre faço o que é do seu agrado.” (João, VIII : 28 e 29).

“Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade d’Aquele que me enviou.” (João, VI : 38).

Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma. Assim como ouço, julgo; e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade d’Aquele que me enviou.” (João, V : 30).

“Mas eu tenho maior testemunho que o de João; porque as obras que meu Pai me deu que cumprixe, as mesmas obras que eu faço dão por mim testemunho de que meu Pai é quem me enviou.” (João, V : 36).

*Mas vós actualmente procurais tirar-me a vida, a mim que sou homem, que vos falei a verdade que **ouvi de Deus**; isto é o que Abraão nunca fez.” (João, VIII : 40)*

Desde que ele nada diz **de si**, que a doutrina por ele ensinada, não é **dele**, mas **de Deus**, que lhe **ordenou** viesse torná-la conhecida; que não fez senão o que Deus lhe **deu o poder de fazer**, que a verdade que ensinou **lhe foi revelada por Deus**, a cuja vontade se curvou; é claro que ele não é Deus, mas o seu enviado, o seu Messias, o seu subordinado.

É impossível recusar mais positivamente toda a assimilação à pessoa de Deus e determinar-lhe o principal papel em termos mais precisos. Não são pensamentos ocultos sob o véu da alegoria, que só a força de interpretações se possam descobrir; é o sentido próprio expresso sem ambiguidades.

Podem objectar que Deus não quis descobrir a sua individualidade em Jesus; mas perguntamos: em que se funda semelhante opinião e quem tem autoridade para sondar os pensamentos divinos e para dar às palavras do Senhor sentido diverso do que elas naturalmente encerram?

Além de que, ninguém, considerando Jesus um Deus durante a sua vida, mas um Messias, não precisava ele, se queria ocultar a sua divindade, senão calar-se; entretanto, espontaneamente afirmou que não era Deus, falsidade desnecessária a seu incógnito.

E é notável que seja João, o evangelista sobre cuja autoridade principalmente se apoiam os que sustentam a divindade de Cristo, quem ofereça, em oposição a semelhante dogma, argumentos mais numerosos e mais positivos. Provam-nos as seguintes passagens,

que não inovam, mas reforçam as provas já expostas, patenteando a **dualidade e desigualdade** das pessoas de Deus e do Cristo:

“Por esta causa perseguiram os judeus a Jesus, por ele fazer estas coisas em dia de sábado.

*“Mas Jesus lhes respondeu: **Meu Pai até agora não cessa de obrar, e eu obro também incessantemente.**” (João, V : 16 e 17).*

*“Porque o Pai a ninguém julga, mas todo o juízo deu ao Filho. A fim de que todos honrem ao Filho, bem como honram ao Pai: o que não honra ao Filho não honra ao Pai, **que o enviou.***

“Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem, viverão;

“Porque assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim como também deu ele ao Filho ter vida em si mesmo;

*“E lhe deu o poder de exercitar o juízo, porque é **Filho do Homem.**” (João, V : 22 a 27).*

*“E meu Pai, que me enviou, a si mesmo deu testemunho de mim, **Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes quem o representasse.***

*“E não tendes em vós permanente a sua palavra, porque não credes **no que ele enviou.**” (João, V : 37 e 38).*

*“E se eu julgo alguém, o meu juízo é verdadeiro, porque eu **não sou só, mas eu e o Pai que me enviou.**” (João, VIII : 16).*

“Assim falou Jesus, e, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que teu Filho te glorifique a ti;

*“Assim como **tu lhe deste o poder** sobre todos os homens a fim de que ele dê a vida eterna a todos aqueles que tu lhe deste.*

*“A vida eterna, porém, consiste em que eles conheçam **por um só verdadeiro Deus, a ti, e a Jesus Cristo, que tu enviaste.***

*“Eu glorifiquei-te sobre a Terra : **eu acabei a obra que tu me encarregaste que fizesse;***

*“Tu, pois, agora, Pai, glorifica-me a mim mesmo, com aquela glória que eu tive em ti antes que houvesse mundo... E eu não estou mais no mundo, mas eles estão no mundo, **e eu vou a ti.** Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que eles sejam um, assim como também nós...*

*“Eu **dei-lhes a tua palavra,** e o mundo os aborreceu, porque eles não são do mundo, como eu também não sou do mundo... Santifica-os na verdade. A tua palavra é a verdade.*

*“Assim como **tu me enviaste ao mundo,** também eu os enviei ao mundo. E eu me santifico a mim mesmo por eles, para que eles sejam santificados na verdade.*

*“E eu não rogo somente por eles, mas rogo também por aqueles que não de crer em mim por meio da sua palavra; para que eles sejam todos um, e como tu, Pai, o és em mim e eu em ti; para que também eles sejam um em nós, **e creia o mundo que tu me enviaste...***

“Pai, a minha vontade é que onde eu estou estejam também comigo aqueles que tu me deste, para verem a minha glória, que tu me deste, porque me amaste antes da criação do mundo.

“Pai justo, o mundo não te conheceu; mas eu conheci-te, e estes conheceram que tu me enviaste.

“E eu lhes fiz conhecer o teu nome, lho farei ainda conhecer, a fim de que o mesmo amor, com que tu me amaste, esteja neles, e eu neles.” (João, XVII : 1 a 5, 11 a 14, 17 a 21, 24 a 26 – **Prece de Jesus.**

(Continua no próximo número)

(In: OBRAS PÓSTUMAS, ed. Lake, 1ª Parte).



ACÇÕES DE GRAÇA : Trabalho Voluntário

“Perseverai na oração, vigiando com acções de graça.” – PAULO (Colossenses, 4 : 2).

Afirma Tiago . *“Sem obras, a fé é morta em si mesma.”* (Tiago, 2 : 17/.

Dirigindo-se aos judeus ortodoxos, disse Jesus: (Jo., 5: 17):

“Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.

Voltando ao texto Paulino em epígrafe, pinçado de uma de suas cartas aos colossenses, não podemos entender a frase “*Acções de graça*” desvinculada do sentido de trabalho, mesmo porque a palavra “*acção*” já diz tudo.

As superlativas quão pungentes e lancinantes dores à nossa volta estão a exigir acções de graça (trabalho voluntário) de quem as queira erradicar ou amainar.

Urge, portanto, que façamos uma releitura do conteúdo da frase “*acções de graça*”, uma vez que ela não pode significar tão somente um acto de louvor, um acto de adoração ou de agradecimento sem respaldo no trabalho tão realçado e exemplificado por Jesus. Há que se chegar mais longe no raciocínio; e, para tal, socorramo-nos do largo tirocínio do Irmão José, através da abençoada mediunidade do Dr. Carlos Baccelli, que nos fez chegar uma belíssima página inserta no livro **Ramos da Videira**, capítulo 14, intitulada

COM ACÇÕES DE GRAÇA

“(…) Consagra-te à oração, mas, sobretudo, atendendo à recomendação do apóstolo, vigia “*com acções de graça*”, não deixando passar um dia sequer sem que te devotes à Caridade... Quem não se exercita na prece e na prática do bem, insensibiliza o coração, seguindo indiferente à dor que clama nas ruas.

“Por mais assistas ao aparente triunfo da injustiça e da violência, do forte contra o fraco e da mentira contra a verdade, não cedas ao imediatismo.

“A fé que se traduz em obras, é alimento espiritual para qualquer hora, vez que a tua casa íntima desguarnecida de crença

será facilmente ocupada pelos agentes das trevas e as tuas mãos desocupadas em “*acções de graça*” far-se-ão passivos instrumentos do mal.

“Que cada oração em teus lábios corresponda a **uma atitude positiva de tua parte em favor dos semelhantes**; se as palavras te sobrarem na boca, em detrimento do que deves fazer, a curto prazo experimentarás imenso desencanto e impreensível vazío n’alma.

“Sendo os homens filhos do mesmo Pai, o outro é a tua parte, que não desconsiderarás sem que, em essência, te desconsideres. Teu indiferentismo diante de quem sofre, cava um abismo sob teus pés.

“Embora a Lei do Carma te solicite nos compromissos dos quais não consegues eximir-te, esquece-te tanto quanto possível e, em favor de ti mesmo, pára e atende quem é teu irmão.”

ROGÉRIO COELHO
(Muriaé – MG – Brasil)

*

Seja qual for a provação que te visita, acalma-te e espera. Muitas vezes, quando a resposta do Céu parece tardar, ante o pedido que formulaste, em oração, semelhante demora significa que o Céu, em silêncio, permanece contando com a tua paciência. – EMMANUEL -, méd. Francisco Xavier.

*

CARIDADE

Das terras, da sementeira,
O pai chegou mesmo agora.
Lidou a mãe, desde a aurora
Bendita e alegre canseira!

Ferve o caldo na lareira,
Que vento e frio lá fora!
E o lume diz : - Muito embora!
Chegai-vos à minha beira.

Todos, filho, pai e mãe,
Ei-los ao fogo. Que bem!
É noite? Chove? Que importa?!

E nisto, alguém a bater.
- “Um pobre?... Filho! Vai ver.
Leva a luz, abre-lhe a porta.”

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

(In : ‘O Espírita’, Revista da Federação Espírita Portuguesa, 1925).

VALORES IGNORADOS

Amigo, quais são os valores do Centro Espírita, em que está integrado? Talvez pensemos nos prédios, nos móveis, nos livros da livraria, nos alimentos armazenados para a distribuição, e até na obra assistencial mantida pelo Centro. Ou até nos lembraremos da reunião de passes, da reunião mediúnica, das reuniões de estudos, das palestras, das mensagens e quem sabe... da fraternidade dos companheiros.

Mas o nosso pensamento começa já a perceber outros valores. Acho que podemos estende-los aos espíritos amigos que ali trabalham. Mas, quem sabe! Está no conteúdo doutrinário, na oportunidade de trabalho e crescimento que oferece... Quantos valores, afinal!... Não tinha pensado em tantos...

Pois é, amigo leitor, o Centro Espírita possui muitos valores. Materiais e espirituais. Desde as instalações físicas, à integração dos seus participantes, ao conhecimento que distribui, às bênçãos do trabalho que realiza, até à preservação do seu maior património – o conhecimento espírita!

Ignoramos tudo isso. Deixamos passar, relegando muitas vezes a actividade do Centro para um plano secundário, quando ele e a sua programação devem merecer maior atenção na nossa dedicação. E sem prejuízo da família, mas com consciência de que o trabalho no Centro reverte, sem que o percebamos, em benefícios directos para a família, pela própria natureza da sintonia. Claro que quando sem os domínios da vaidade e do fanatismo.

Na verdade, o Centro Espírita deve ser uma extensão da nossa casa, de nossas famílias. O ambiente onde nos sentimos bem, onde buscamos o conforto e exercitamos a prática sadia da fraternidade, para reunir forças que transformem virtudes em hábitos na vida social fora de casa.

Mas, nem sempre acontece. Existe a programação dos estudos e chegamos atrasados. Recebe-se a mensagem ou o jornal, e coloca-se no bolso para nem sequer ler, esquecendo-os...Programa-se uma palestra importante e nem vamos, alegando desculpas que mostram a nossa indiferença.

Levamos, muitas vezes, o nosso quilo de alimentos para a cesta de alimentos, mas tornamo-nos indiferentes ao esforço da divulgação da doutrina.

Comenta-se sobre determinado livro e nem procuramos saber mais. Não prestamos atenção a datas e factos históricos da Doutrina, ou mesmo da Casa. E quando outra Casa programa actividades, agimos como quem diz que nada tem a ver com o assunto, esquecendo que a Causa é a mesma. E o que dizer, então, sobre o relacionamento entre os próprios espíritas. Deixamo-nos levar pela crítica e desdém para com os companheiros, agindo em desacordo com o que aprendemos e dizemos seguir.

São valores da Doutrina, do Centro que frequentamos, e que tanto nos beneficia, mas, que relegamos para um plano secundário.

Por outro lado, além de ignorar os próprios fundamentos da Codificação, desconhecemos as pérolas dos clássicos da Doutrina, como Léon Denis, Flammarion, entre outros. Sem falar de Humberto de Campos, Yvonne Pereira, André Luiz, etc. Ora aí estão os valores da Doutrina. Limitamo-nos a ler romances, ir ao

Centro uma ou duas vezes por semana, para ouvir, receber o passe, e continuar como antes, achando que já fizemos a nossa parte, e contando com a protecção do Alto (diga-se que existe), e que afinal somos espíritas e tudo vai bem...

Mas, ocorre que a Humanidade aí está. Debate-se com problemas imensos que nem é preciso repetir...

Os valores permanecem em nossas mãos, parados, sem produzir como deveriam.

Observemos melhor as nossas Casas Espíritas. Representam o esforço de muitos pioneiros e leais trabalhadores da Causa de Jesus. Mas não nos limitemos apenas à nossa Casa. Olhemos com carinho o esforço de outros companheiros, nas mais variadas funções, sem ciúme ou inveja. A Obra é de todos, a oportunidade é para todos, e quanto mais for feito, por mais pessoas, melhor para a Humanidade. Esta é a luta dos espíritos: a expansão do pensamento espírita, que não pertence a ninguém. Esta expansão beneficiará toda a Humanidade sofrida.

Estejamos sintonizados neste ideal, seremos então mais coerentes connosco e com Deus.

LICÍNIO HENRIQUES

(In: ROTEIRO DE LUZ, nº 144, Março/Abril de 2009 do CENTRO ESPÍRITA PERDÃO E CARIDADE, de Lisboa, do qual Licínio Henriques é um dos colaboradores mais antigos).



BONS E MAUS PENSAMENTOS

Estudando o assunto relacionado com a influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e actos, na questão 467 de *O Livro dos Espíritos* (ed. Feb), Allan Kardec pergunta: *Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal?* E os Espíritos superiores respondem: “Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.”

Em seguida, na questão 469, indaga: *Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?*, recebendo a seguinte resposta: “Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejam ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más (...)”.

Observa-se, com base neste diálogo de Allan Kardec com os Espíritos superiores, que a causa dos problemas decorrentes da influência dos Espíritos em nossas vidas está em nós mesmos. E a solução desses problemas, também. Depende, apenas, do pensamento correcto e da atitude adequada que nos cabe adoptar.

Quando soubermos direccionar o nosso pensamento sempre no sentido da prática do bem, cultivando permanentemente a fraternidade, o amor ao próximo, o respeito ao nosso semelhante e o propósito sincero de nos aprimorar cada vez mais, intelectual e

moralmente, estaremos – pela lei de afinidade que rege o relacionamento entre Espíritos encarnados e desencarnados -, atraindo a presença dos Espíritos superiores e bons e afastando os Espíritos inferiores e maus.

É exactamente em razão desta realidade que Jesus asseverou em seu Evangelho: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação.” (Marcos, 14:38).

(In Revista REFORMADOR, da Federação Espírita Brasileira, Editorial do nº 2155, de Outubro de 2008, de onde o transcrevemos).



A IMPORTÂNCIA DE SABER chegar a casa a horas

“Mário Cordeiro, pediatra, disse (...) numa conferência organizada pelo Departamento de Assuntos Sociais e Culturais da Câmara Municipal de Oeiras, que muitas birras e até problemas mais graves poderiam ser evitados se os pais conseguissem largar tudo quando chegam a casa para se dedicarem inteiramente aos seus filhos durante dez minutos.

“Ao fim do dia os filhos têm tantas saudades dos pais e têm uma expectativa tão grande em relação ao momento da sua chegada a casa que bastava chegar, largar a pasta e o telemóvel e

ficar exclusivamente disponível para eles, para os saciar. Passados dez minutos, eles próprios deixam os pais naturalmente e voltam para as suas brincadeiras. Estes dez minutos de atenção exclusiva servem para os tranquilizar, para eles sentirem que os pais também morrem de saudades deles e que são uma prioridade absoluta na sua vida. Claro que os dez minutos podem ser estendidos ou até encurtados conforme as circunstâncias do momento ou de cada dia. A ideia é que haja um tempo suficiente e de grande qualidade para estar com os filhos e dedicar-lhes toda a atenção.

“Por incrível que pareça, esta atitude de largar tudo e desligar o telemóvel tem efeitos imediatos e facilmente verificáveis no dia a dia.

“Todos os pais sabem por experiência própria que o cansaço do fim do dia, os nervos e *stress* acumulados e ainda a falta de atenção ou disponibilidade para estar com os filhos, dão origem a uma espiral negativa de sentimentos, impaciências e birras.

“Por outras palavras, uma criança que espera pelos pais o dia inteiro e, quando os vê chegar, não os sente disponíveis para ela, acaba fatalmente por chamar a sua atenção da pior forma. Por tudo isto, e pelo que fica dito no início sobre a importância fundamental que os pais-homem têm no desenvolvimento dos seus filhos, é bom não perder de vista os *timings* e perceber que está nas nossas mãos fazer o tempo correr a nosso favor.”

*

Retirámos este artigo do Boletim de Julho/2008 da ACREDITAR e vamos aproveitar as palavras do mesmo, o seu conteúdo e valor, para acrescentarmos um pouco mais sobre este tema tão importante e a que alguns pais dão tão pouco valor.

Temos contactado crianças que passam toda a época escolar ambicionando a chegada das férias, não em função do esforço maior ou menor que façam, como estudantes, mas porque as férias representam, para todas elas, a presença e companhia dos pais no seu dia a dia, as conversas com que se sentem gratificadas, a ida aqui ou ali, em que o pai ou a mãe são o companheiro maior – aquele que está presente sobrepondo-se às companhias vulgares dos amiguinhos com que diariamente se encontram.

Infelizmente, muitos pais não compreendem a importância da sua presença junto dos filhos e projectam até, com uma certa antecedência, alguns deles, as idas das crianças para campos de férias: a justificação para estas atitudes é a do cansaço que sentem e que a presença dos mais pequenos vai sempre aumentando, devido à preocupação com o que fazem, como se alimentam, vestem, etc., etc..

E os filhos vão crescendo na expectativa sempre gorada da presença de quem lhes deu a vida, mas que nunca ou quase nunca os acompanha. A revolta vai nascendo nos corações mais sensíveis; o de fazerem qualquer coisa para chamarem a atenção e remediarem situações, passa a ser quase que uma constante; começam as faltas às aulas, a violência com os colegas, as atitudes de indisciplina que convocam os pais às reuniões escolares, e, depois, quando percebem que do que fazem nada serve para o fim em vista, o desinteresse, o caminho errado do álcool, da droga, do roubo... Sabia que há crianças de 9, 10 anos, a quem os pais vão dando dinheiro para se divertirem e que, ao fim do mês totaliza quinhentos euros – gastos, a maioria das vezes, na droga que não conheceriam, talvez, se houvesse uma atitude diferente da parte dos pais?

Porque é que crianças com 10, 12 anos, se afundam no álcool? Porque é que acontecem jovens mães de 12, 13 anos, quando as responsáveis mais velhas não as levam a Espanha ou a uma dessas clínicas que existem, actualmente, em Portugal, para a prática do aborto?

Porque é que está a acontecer o cancro da mama e do útero em mulheres cada vez mais jovens? A causa, a maioria das vezes, está na frequência com que umas e outras vão recorrendo ao aborto para “se libertarem da consequência desagradável de um acto que durou, apenas, escassos minutos”.

Há necessidade de se rever o conceito de família e viver-se a mesma com sentimentos de amor mais nobres que os existentes hoje: as crianças não podem continuar a crescer como plantas de geração espontânea, que o vento, o sol e a chuva vão adubando. Elas precisam de amor, de atenção, de orientação, de palavras de estímulo ou de censura – quando for caso disso -, mas ensinando-se-lhes o motivo da crítica. Elas precisam da presença dos seres em quem querem apoiar-se... mas que lhes falham, a maior parte das vezes. Elas precisam de sentir que, para aqueles que as rodeiam, dentro do mesmo tecto, são seres importantes!

Há poucos anos atrás lemos, num jornal espírita brasileiro que, numa escola, uma professora mandara os alunos fazerem uma redacção sobre o que quereriam ser, quando mais velhos. Todos entregaram o trabalho e a professora todos leu, mas detendo-se num pequenino, quase que só com meia dúzia de palavras: quando crescer, eu quero ser televisão.

Chamou o autor da frase e pediu uma justificação para a mesma, que lhe foi dada na hora: eu nunca posso falar porque, lá em casa, quando o quero fazer, sou logo mandado calar porque

querem ouvir a televisão, o que estão a dizer, a música ou o programa que vêm. Então, se eu for televisão, também passo a ser escutado, também passo a ser importante!

Esta, uma resposta que devia chegar a todos os pais; este, o grito de alerta ou de desespero de quem se sente gente, mas está sozinho, vivendo acompanhado!

Os filhos que crescem rodeados de amor, de cuidados, de atenção, podem ter más notas, podem estragar algo de importante ou caro para si ou para os pais, mas não fogem nem procuram no suicídio (como está a acontecer) a solução para o isolamento que sentem à sua volta: o amor é uma constante que lhes dá forças para serem alguém, Amanhã, e que os vão ensinando, pelo que recebem, a serem bons pais também.

MANUELA VASCONCELOS

*

MULHER TEM BRAÇO FANTASMA

(OU CURIOSIDADE QUE O ESPIRITISMO EXPLICA)

O título destacado em maiúsculas acompanhou a notícia que o Jornal paraense 'Liberal', de 10 de Abril do corrente ano publicou e transcrevemos de imediato:

“**Médicos da Suíça** conseguiram comprovar a existência de um terceiro “braço fantasma” em uma mulher que sofreu um derrame. A paciente de 64 anos havia perdido as funções do seu braço esquerdo após o acidente cerebral. Mas poucos dias depois, ela desenvolveu “um terceiro membro”, que ela dizia enxergar e usar para tocar objectos e até coçar o braço direito. Usando exames de ressonância magnética, especialistas do Hospital Universitário de Genebra confirmaram que o cérebro da mulher emitia comandos ao “braço fantasma” e reconhecia suas acções.

“A paciente diz que seu novo membro fica à sua esquerda e tem uma cor de leite, “quase transparente”.

“Segundo o neurologista Asaid Khateb, chefe da equipa que analisou as imagens cerebrais, trata-se de um caso extremamente raro em que o paciente não somente sente o membro imaginário, como também o enxerga e o movimenta voluntariamente.

“O médico disse ainda que esta é a primeira vez que se mede a actividade cerebral a partir do contacto com um membro fantasma.

“O fenómeno do membro fantasma está normalmente associado com pessoas que sofreram amputação. Segundo cientistas, entre 50% e 80% delas descrevem sensações de tacto e dor na parte retirada.

“As descobertas da equipa foram divulgadas na revista científica ‘Annals of Neurology’.”

*

Esta notícia, para nós, espíritas, não tem qualquer mistério por quanto todos sabemos que o homem encarnado é composto de

espírito, perispirito e corpo matéria, tendo o perispírito por missão ligar o espírito à matéria. É ainda, nele, no perispirito, que são programados todos os factos que deverão acontecer durante a reencarnação, e que despoletarão no momento devido. Em relação às amputações, portanto, elas acontecem na parte física do corpo, mas não no perispírito que continua ‘inteiro’, digamos assim para uma melhor percepção. O facto da doente ver o braço fantasma de uma cor leitosa apenas significa que a mesma tem vidência e capta, portanto, o braço do seu perispirito – possível porque deixou de ter a matéria a envolve-lo (ou cobri-lo).

É também o perispirito que os videntes vêem, quando referem desencarnados à sua volta, o que também acontece em reuniões mediúnicas, já que ele é, se assim lhe podemos chamar, “o corpo espiritual do Espírito”. Grosseiro nas primeiras encarnações, ele vai-se diluindo tornando-se sempre mais translúcido, conforme a evolução que o Espírito vai conquistando. (Perguntas n.ºs. 93 a 95 de ‘O Livro dos Espíritos’).

MANUELA



?

Ó coisa incompreendida; ó coisa estranha e nova:
Esta de alguém haver que inda depois da morte,
Tenha o viril poder, tenha a vontade forte,
De vir buscar-me aqui, a este além da cova!

Irreverente audácia, em que meu ser renova
Fatal recordação da minha triste sorte
Na vida, erma e curta, e que arrastei sem norte,
Na terra descaroadada, em dolorida prova.

Meu corpo eu tinha visto, ossudo, dessorado,
Nojoso, fedorento e pobre verminado,
Transformar-se, na terra, em seiva abundante...

E tinha dito a mim: - Findou o meu tormento!
E escondi-me, no manto vil do esquecimento,
Na miserável cova, ignóbil, repugnante.

II

Mas mesmo aqui a sorte inda me foi daninha!
E o meu sonhar de paz, em nada, em pó, desfez;
Fazendo que o meu ser mais uma negra vez,
Triste, voltasse cá, contra a vontade minha!

Envolvida na Dor – mortalha de Rainha! –
A minha alma jazia em doce embriaguez,
Gozando pelo espaço num doido entremez,
Por livre se sentir de vida tão mesquinha.

Quando tu me chamaste, homem inconcebível!
Tu que me queres? Dize? É coisa inda possível,
Que da Terra me venha uma palavra amiga?

Ah! Se é, seja benvinda, a cara mensageira...
Boa coisa daí? Será essa a primeira...
Venha depressa então se quer que eu a bendiga!

JOSÉ DURO, Espírito

Estes dois sonetos fazem parte do 3º volume da Obra DO PAÍS DA LUZ, que o médium espírita português FERNANDO DE LACERDA publicou entre 1908 e anos seguintes a expensas suas.

Passando, a 6 de Agosto, mais um aniversário do seu reencarne (1865) e desencarne (1918), numa singela homenagem, usando as palavras do próprio médium para explicar as do Espírito que escreveu os sonetos:

“O sr. A. J., ao tempo jornalista, insistiu comigo para eu diligenciar versos de José Duro. Tentei. Chamei o espírito deste poeta. Produziram-se os sete sonetos publicados neste livro.

“Pessoas que o conheceram e conheceram bem as suas produções, afirmam a inteira semelhança no estilo e na maneira. Julguei esta nota indispensável para elucidação dos dois primeiros sonetos.”

As palavras do Espírito-poeta encontram-se, assim, explicadas.



PÁGINAS DO PASSADO

AMAR A DEUS

Amar a Deus é um preceito que na sua simplicidade resume, quanto a mim, a lei complexa de toda a finalidade humana.

Amar a Deus como Ele deve ser amado, visto a sua excelsa essência se conservar inacessível à investigação da nossa inteligência finita, é amar os seus atributos, que, desde o despertar para a vida inteligente, constituíram os mais elevados ideais da humanidade; é, portanto, fomentar com todo o ardor das nossas almas a eclosão do Bem, do Belo, da Justiça, da Verdade e do Amor.

E que mais sentido preito poderíamos render à Causa primordial de quanto nos assombra no Universo, que o de difundir em todos os ânimos o culto dos excelsos predicados que da peculiar natureza do Ente Supremo dimanam?

Para que outro fim poderíamos ter sido criados?

Não será esta a verdadeira interpretação dos desígnios de Deus em relação ao destino ulterior do homem?

A mónada que o Criador *abo eterno* arremessou para o espaço, ignorante ainda e inconsciente das potencialidades de que a Omnisciência divina a impregnou, lançada segundo uma trajectória regida pela lei do Progresso, subiu no correr dos séculos, de transição em transição, todos os degraus da escala na

evolução ontológica até atingir o plano consciencial, o estado de homem evoluído, cuja visão interior lhe permite já analisar as leis do seu próprio eu, centro de poderosas energias de alcance incomensurável, vitalizar as suas vagas intuições dando-lhes corpo e realidade objectiva, fixar a determinante dos seus actos volitivos.

Neste estado evolutivo relativamente adiantado, o homem sabe o que é, sabe o que pode, sabe o que quer.

O homem sabe o que é, porque no exame introspectivo do que se passa no seu foro íntimo, se reconhece indubitavelmente constituído por um princípio uno, persistente, invariável na sua essência; quando, pelo contrário, o estudo do organismo a que se sente intimamente unido, só lhe mostra variação contínua nos contornos exteriores da forma, modificações incessantes nos tecidos que o constituem, instabilidade no equilíbrio nutritivo das células, alterações no quimismo complexo do meio interior, desagregação constante das moléculas cujos elementos componentes são substituídos a cada momento pelos que de novo lhes leva um sangue de crase regenerada pela respiração e pela nutrição – funções de laboração incessante – expulsos pela desassimilação os elementos utilizados na combinação do momento precedente.

Independentemente desta actividade constante que se exerce no domínio da matéria, o princípio imutável que nela reside e que bem podemos chamar espiritual, observa-a, modifica-a, restabece-lhe o equilíbrio quando influências perturbadoras o destroem ou paralisam. Domina-a finalmente pelo conhecimento das leis dos fenómenos que nela se manifestam.

Plenamente consciente da sua acção preponderante sobre a natureza bruta, o homem sabe o que pode pela conjugação das

suas espantosas energias. E sabe o que quer com todas as veras da sua alma – a felicidade.

Mas o seu ponto de mira muitas vezes erradamente fixado, por desgraça, leva-o, aliciado pela perversão do senso moral, ao atropelo dos mais imperativos e sagrados ditames da consciência, “voz que clama no deserto”, à abjecção da subserviência à matéria.

Embevecido pelo canto da sereia, o tresloucado nauta prossegue descuidoso ao sabor das impressões na sua falsa derrota, debatendo-se em vão contra os penedos por entre os quais a sua incúria deixou singrar o transviado batel – embates que são o ricochete das paixões a que se abandonou.

- Bateste em ti – bradar-lhe-à a voz interior, quando o naufrágio de todas as ilusões o arrojou exânime ao areal da costa, onde teria aportado ileso, se os seus olhos, na temerosa travessia, se não tivessem despregado da estrela dos mareantes.

- Terás de recomeçar a viagem que tornaste inútil – acrescentará a bendita voz da sentinela vigilante de todos os seus actos, de todos os seus pensamentos.

- Descansar... - murmura o miserando Ashaverus extenuado.

- Descansar, insensato?!... – brada-lhe a entidade consciencial do seu eu, ecoando através de todo o seu ser. O grito pavoroso de alerta. Quem te deu esse direito? Realizaste por acaso já o teu destino? Dignificaste a tua alma pugnando pela Verdade e pela Justiça? Sacrificaste a satisfação dos teus efémeros caprichos, já não pergunto o teu bem estar, à atenuação da miséria alheia? Secaste carinhosamente as lágrimas da orfandade? Protegeste a infância desamparada? Protegeste a velhice desvalida? Com a tua

palavra, com o teu exemplo, ensinaste os homens a amarem-se mutuamente? Resgataste as consciências escravizadas aos erros absurdos do classicismo arcaico? Juntaste, por qualquer modo, um acorde de harmonia ao poema sublime da Criação? Calas-te?... Reconheces que não soubeste amar a Deus, que falseaste a tua missão, não é assim? Dotado de um instrumento maravilhosamente adaptável a todas as variantes da acção, submisso à tua vontade – o teu corpo – não soubeste aproveitá-lo na tarefa que te foi incumbida. Menosprezaste-o, deterioraste-o, em criminosos desmandos de regime, inutilizaste-lhe as mais poderosas energias. Resigna-te, pois, às consequências. Abandonalo sem pesar à terra que precisa dele para o decompôr no seu laboratório e dar às árvores as suas copas verdejantes, aos prados o seu matiz, às flores a sua fragrância, e vai. Volta à tua pátria de origem, medita ali a lição. Uma lágrima de arrependimento será oferta de valiosa pérola que Deus contemplará amorosamente no seu escrínio. Reconstrói solidamente o teu barco, fixa bem o rumo, põe mão firme no leme, decidido a arrostar com as correntes contrárias e volta regenerado, que saberás então *amar a Deus*.

AMÉLIA CARDIA

(In : REVISTA DE ESPIRITISMO, da Federação Espírita Portuguesa, Janeiro/Fevereiro de 1928. Amélia Cardia, espírita, fazendo parte dos primeiros Corpos Sociais da antiga F.E.P., foi uma das primeiras médicas portuguesas a defender tese em Lisboa).



ORAÇÃO

*“Amai-vos uns aos outros como Eu
vos amei.” - JESUS*

Na placidez da tarde que termina,
E o sol por entre as nuvens do horizonte,
Permite, ó minha amada Mãe Divina,
Que eu possa orar, erguendo a magra fronte!

E erguendo a face, que a alma pequenina,
A sorver a água da sagrada fonte,
Busque esquecer a Terra, peregrina,
E entre a pensar no Cristo, ao pé do monte...

Que eu venha a ouvir, para aprender de facto,
No anseio de viver intemerato,
Aquele ensinamento grande e santo...

E, à maneira de minha mãe terrestre,
Fala-me, ó Mãe, do Amor do excelso Mestre,
Na protecção bendita do teu manto!

CELSO MARTINS

R. Janeiro – Brasil

CELSO MARTINS, a partir desta data, passa a colaborar com a nossa Revista, por oferta sua, quando nos contactou há semanas atrás. É espírita de longa data, com diversos livros publicados.

